

A PARTICIPAÇÃO DA CONSCIÊNCIA NA EVOLUÇÃO HOMINÍNEA

Consciousness Participation in Hominine Evolution

Malcon Anderson Tafner

RESUMO: O artigo propõe uma breve revisão da teoria da evolução hominínea pela seleção natural trazendo para dentro do cenário da evolução a participação efetiva da consciência como personagem atuante e necessário no processo evolutivo hominíneo. Essa revisão da teoria pressupõe a origem extrafísica da consciência e como as decisões tomadas por ela ao longo das gerações proporcionaram a especiação do soma e a maturação consciencial através das limitações que a intrafísica impõe para a consciência.

Palavras-chave: evolução hominínea; evolução da consciência; serialidade existencial; evolucionologia.

ABSTRACT: The article proposes a brief review of the hominine evolution theory by natural selection bringing to the stage of evolution the effective participation of consciousness as an active and necessary character in the hominine evolutionary process. This theory review presupposes the extraphysical origin of consciousness and how the decisions made by it throughout generations have provided for the speciation of the soma and consciencial maturation under the limitations that intraphysicality imposes on consciousness.

Key words: hominine evolution; consciousness evolution; existential seriality; evolutiology.

INTRODUÇÃO

O artigo propõe uma abordagem evolutiva das espécies hominíneas tendo a participação da consciência de forma ativa durante o processo evolutivo, não sendo produto do processo seletivo (conforme proposto por Darwin em 1859), mas parte determinante para o sucesso da especiação hominínea durante o processo evolutivo.

Para tanto, a nossa abordagem nesse artigo pressupõe o processo evolutivo acontecendo pela seleção natural tal qual a literatura científica traz em seus registros e observações, porém adicionamos a condição extrafísica da consciência como parte do processo por entender que ambas realidades estiveram juntas, e ainda estão.

Assim, para abordarmos a adaptação dos organismos na intrafísica e o modo de se relacionarem com ela, é relevante fazer uma breve apresentação sobre a evolução dos organismos hominíneos no plano intrafísico, e então abordar a evolução da consciência e do soma hominíneo em um sentido coevolutivo.

Sob um ponto de vista evolucionário onde a consciência é personagem atuante, não sendo subproduto de um processo intrafísico, mas um elemento vital do processo de evolução, é preciso haver uma visão multidimensional da consciência, trazendo para a discussão a sua origem extrafísica (VIEIRA, 1990 e VIEIRA, 2010).

Assim, diante dessa visão, temos a consciência inserida na multiexistencialidade, onde ela vive ciclos contínuos de nascimento, vida e morte, sempre passando de uma condição extrafísica para uma intrafísica e assim sucessivamente. A esse movimento se dá o nome de seriação existencial (VIEIRA, 1990).

Mas apesar das teorias postas, fato é que essas ideias ainda não se comunicam de forma adequada, e por isso dúvidas permanecem trazendo à discussão questionamentos sobre como a consciência através da seriação existencial poderia ter participado desse processo evolutivo através da seleção natural.

Nessa mesma linha de pensamento e questionamentos também perguntamos por que a matéria e a consciência não podem evoluir compartilhando o mesmo tempo e o mesmo espaço? A matéria não pode evoluir?

Esses dois paradigmas de fato precisam se encaixar e esclarecer as questões pendentes. De outra forma podemos dizer que precisamos reaprender como esses paradigmas se interrelacionam efetivamente. Se entendemos que não somos um soma que possui uma consciência, mas somos uma consciência que possui um soma, precisamos ter clara essa interrelação da matéria, da consciência e da evolução de ambos, sem desconsiderar os avanços científicos já esclarecidos, tanto no campo da Conscienciologia quanto no campo da Biologia.

1. A EVOLUÇÃO DAS ESPÉCIES PELA SELEÇÃO NATURAL

A evolução das espécies proposta pelo naturalista Charles R. Darwin (DARWIN, 2000) preenche lacunas de conhecimento acerca das espécies do passado que até então haviam somente explicações insuficientes e incompletas, ou então eram preenchidas por dogmas religiosos da época (como as vezes ainda ocorre na atualidade). Ainda hoje muitos desses temas evolucionários estão envoltos em amplas discussões, as vezes polêmicas e até bastante acentuadas.

A teoria da evolução das espécies pela seleção natural, proposta por Charles R. Darwin em 1859, é amplamente defendida pelos evolucionistas da atualidade, e tem se contemplado com novas proposições científicas e resultados de muitas outras pesquisas e observações científicas. Muitas dessas teorias reúnem evidências e argumentos lógicos suficientemente válidos diante dos pressupostos da simplicidade como norte de compreensão, satisfazendo preceitos do entendimento da ciência como a conhecemos nos tempos de hoje.

Quando falamos em evolução das espécies como produto da seleção natural (DARWIN, 2000 e DAWKINS, 2009), devemos entender que evoluir é resultado de um processo que envolve três preceitos que se repetem indefinidamente, gerando uma espécie de “receita” da evolução. São eles:

- As espécies tem alta taxa de geração de descendentes (número de indivíduos)
- Existe a presença de variabilidade entre indivíduos de uma mesma espécie (mutação genética)
- É alta a taxa de mortalidade e a luta pela sobrevivência da espécie

O contexto da variabilidade, sobrevivência e transmissão genética atua diretamente no aprimoramento genético das espécies (ASTRASUSKAS, 2009 e DAWKINS, 1998), pois devido a estas variações (mutações), alguns membros de uma espécie, por conta das suas características próprias, são mais bem sucedidos que outros na sobrevivência por conta da sua melhor adaptação ao meio, ou mesmo na competição ambiental por recursos e reprodução (transmissão de genes).

Assim, indivíduos sobreviventes foram naturalmente selecionados por conta das suas características melhor adaptadas ao meio-ambiente onde estavam. Esses indivíduos, se tornando genitores, transmitiram essas características “vencedoras” às gerações seguintes, que mantiveram ou aumentaram gradualmente as características de adaptação conseguido pelos pais (novamente a ação da variabilidade, sobrevivência e transmissão genética).

Aplicando esse “algoritmo” da seleção natural na escala de tempo é possível entender melhor como os organismos das espécies se formaram, e como tantos outros se extinguíram. Aliás, a extinção parece ser o destino natural dos seres vivos deste planeta (LEAKEY, 1995). De todas as espécies que viveram sobre este planeta, 99% se extinguíram por diversas razões: má sorte, genética deficiente em relação ao meio, problemas de adaptação, clima, alteração do meio-ambiente, desastres naturais, predadores, etc.

O ser humano também deve ser visto como um de seus agentes e, portanto, um predador natural que selecionará ao longo do curso da sua existência com quais animais deseja viver. É apenas uma questão de tempo. E o tempo é o principal agente do algoritmo da seleção natural.

2. A ORIGEM HUMANA

2.1. Hominídeos e Hominíneos

Os hominídeos são conhecidos como os primatas da família *hominidae*. Esse termo se refere às espécies anteriores ao *homo sapiens* e outras existentes após a sua separação do ancestral comum que deu origem às espécies *pongo* (orangotangos) ocorrida a 14 milhões de anos atrás aproximadamente.

Podemos definir os hominídeos como sendo os primatas que tem em suas principais características pesos variando entre 50 Kg e 270 Kg (grandes primatas), dimorfismo sexual (machos e fêmeas com estatura e pesos diferentes), polegar oponível em relação aos outros dedos e ausência de cauda (FOLEY, 1993). Essas espécies ainda se caracterizam por terem um cérebro mais desenvolvido e desproporcional em relação ao tamanho e peso do corpo.

Família	Subfamília	Tribo	Gênero	Espécie	Nome Conhecido
Hominidae	Homininae	Hominini	Homo	<i>Homo sapiens</i>	Humano
			Pan	<i>Pan troglodythes</i>	Chimpanzé
		<i>Pan paniscus</i>		Bonobo	
		Gorillini		<i>Gorilla gorilla</i>	Gorila-do-ocidente
			<i>Gorilla beringei</i>	Gorila-do-oriental	
	Ponginae	-	Pongo	<i>Pongo pygmaeus</i>	Orangotango (Bornéu)
				<i>Pongo abelii</i>	Orangotango (Sumatra)

Quadro 1: Classificação Moderna das Espécies da Família *Hominidae*. Fonte: Autor.

No entanto o termo mais atual usado para a definição de humanos modernos é a palavra “hominíneo”. Esse termo se refere às espécies recentes que compartilham a árvore genealógica que possuem um ancestral em comum entre os humanos modernos e os chimpanzés.

Os orangotangos (mesmo sendo um grande primata) e os gibões que habitam regiões da Ásia e Índia (conhecidos como os “macacos do velho mundo”) e pertencem a família *hylobatidae*, não descendem da mesma espécie ancestral que nós (humanos) temos em comum com os chimpanzés e os gorilas.

A semelhança genética entre humanos e os *ponginae* e nós é muito antiga, algo entre 10 e 15 milhões de anos atrás. Geneticamente falando, os chimpanzés estão mais próximos de nós, do que eles dos orangotangos. E os gibões se encontram ainda mais distantes de nós, algo entre 20 e 25 milhões de anos.

Entre os hominíneos, além da própria espécie *Homo sapiens*, também classificam-se os primatas fósseis (FOLEY, 2003). E é aqui onde desejamos abrir a nossa discussão acerca da evolução dos somas das espécies hominíneas que ocupamos enquanto consciência. Estamos falando de espécies primatas extintas, e que possuíam características próximas do gênero *Homo*, como estatura e postura bípede, e que tinham capacidade craniana de 600 a 700 cm³ (maiores do que os chimpanzés e os gorilas).

Estudos e pesquisas paleontológicas indicam o surgimento das primeiras espécies homininas (do gênero *homonina*) no início do período Plioceno (5 a 6 milhões de anos atrás) (DALGALLARRONDO, 2011). Embora não existam certezas absolutas, a ancestralidade em comum entre as espécies hominíneas pode ter sido a espécie *Ardipithecus ramidus*², um primata de proporções pequenas que viveu há 4,5 milhões de anos atrás na África.

2.2. As Espécies Hominíneas

As espécies hominíneas mais avançadas parecem ter surgido entre 3 e 4 milhões de anos atrás, e esse grupo pode ser dividido entre três gêneros distintos, os *Australopithecus*, os *Paranthropus* e os *Homo*. Muitos cientistas apresentam questões contrárias a esse tipo de classificação, defendendo apenas a existência dos gêneros *Australopithecus* e *Homo*.

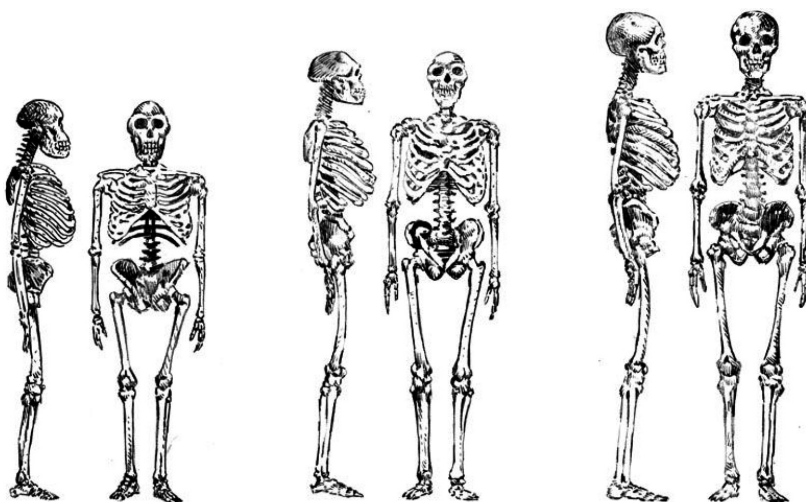


Figura 1: Os gêneros *Australopithecus*, *Homo Erectus* e o *Homo Sapiens*. Fonte: Autor.

² A palavra *Ardipithecus* é derivada do amárico (*ardi* = solo), língua oficial da Etiópia, onde foram encontrados os fósseis e do grego (*pithekos* = macaco).

A diferença entre os gêneros *Australopithecus*, *Paranthropus* e *Homo* é considerado por muitos pesquisadores como parte de um processo transitório, onde os membros do gênero *Homo* caracterizam-se, morfologicamente, pela presença de ancas estreitas (como um cone) permitindo longas caminhadas, além de pernas mais compridas que os braços, apresentando uma postura mais bípede, além de uma capacidade craniana superior a 600 cm³.

Quanto ao volume endocraniano, as espécies *Australopithecus* e *Paranthropus* apresentavam uma capacidade craniana inferior a 700 cm³, a metade do que apresenta a espécie humana atualmente. O volume endocraniano passou a ter uma representação de evidência de massa cerebral no gênero *homo*, mais especificamente a partir das espécies *Homo Ergaster* e *Homo Erectus* (2 milhões de anos atrás), quando os volumes passaram de 900 cm³ (DALGALARRONDO, 2011).

Os parantropíneos (*Paranthropus*), de uma forma geral, podem ser classificados em três espécies que habitaram a África: *Aethiopicus*, *Boisei* e *Robustus*. Eles viveram entre 2,6 e 1 milhão de anos atrás, e possuíam uma capacidade craniana de 400 a 530 cm³. Estudos e observações sugerem que utilizavam ferramentas primitivas. Possuíam o crânio pequeno e face prognata. Tinham estatura de até 1,6 metros e eram bípedes. Essas espécies habitavam a regiões do leste da África (Tanzânia, Etiópia e África do Sul) (DALGALARRONDO, 2011 e FOLEY, 1993) e parece não terem saído de lá, pois se extinguíram há 1 milhões de anos.

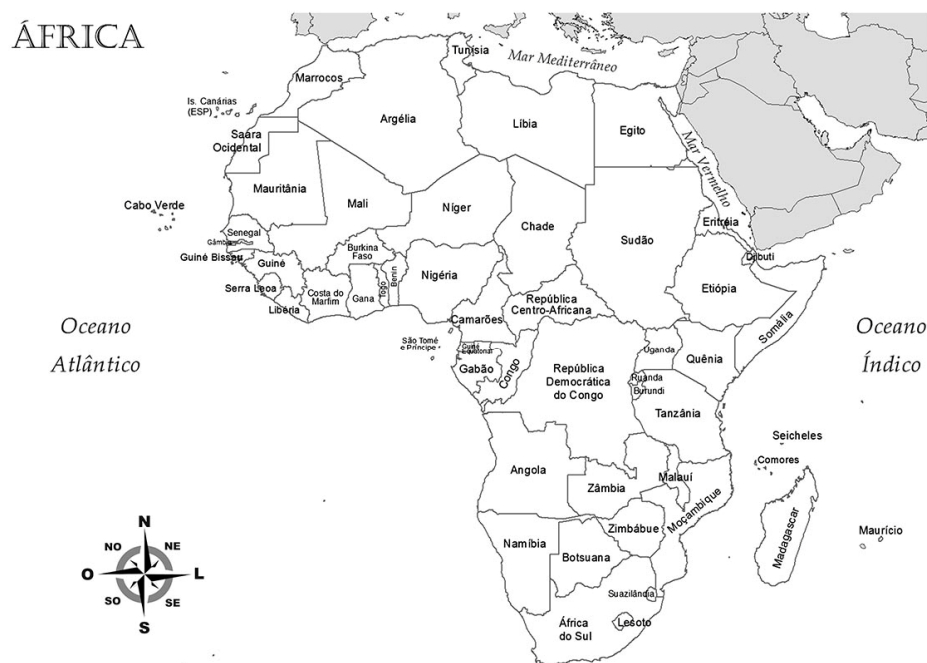
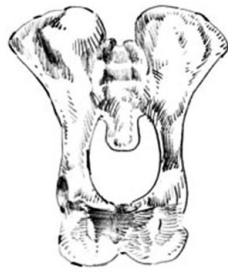


Figura 2: Mapa político da África

Sobre os australopitecíneos (*Australopithecus*), pode-se dizer que foram as primeiras espécies de grandes primatas que poderíamos considerar um efetivo ancestral evolutivo nosso. Essas espécies, também surgidas no leste da África, tiveram uma capacidade craniana que antecede em volume as espécies *homo*, mas possuíam pélvis similares ao gênero *homo*, sugerindo sua movimentação bípede com herança arborícola pelos braços mais longos (FOLEY, 1993). Também

vale o registro que possuíam dentes similares aos dentes dos homens modernos com grossa camada de esmalte.



Pelve do Chimpanzé



Pelve do *A. africanus*



Pelve do *H. sapiens*

Figura 3: Pelves de espécies hominídeas diferentes. **Fonte:** Autor.

As espécies australopitecíneas classificadas até o momento são conhecidas como: a *Anamensis*, a *Afarensis* e a *Africanus*. São elas:

- A espécie *A. anamensis* esteve presente no Quênia, possuía uma capacidade craniana pequena, entre 300 e 400 cm³, e viveu entre 4 e 3,5 milhões de anos. Tinha estatura baixa de até 1,5 metros.
- A espécie *A. afarensis* media até 1,5 metros de altura e pesava em média 50 Kg. Possuía uma capacidade craniana pequena, entre 400 e 500 cm³, e viveu entre 3,8 e 3 milhões de anos. Seus vestígios tem sido encontrados na Etiópia, Quênia e Tanzânia.
- A espécie *A. africanus* media até 1,5 metros de altura mas possuía uma capacidade craniana um pouco maior, algo entre 420 e 520 cm³, e viveram entre 3,5 e 2,6 milhões de anos. Seus vestígios tem sido encontrados na África do Sul.

Analisando a morfologia dessas espécies australopitecíneas pode-se dizer que do pescoço para cima foram muito parecidas com um macaco, mas do pescoço para baixo se pareciam mais com um humano de pequena estatura em virtude da sua postura ereta e bípede, provavelmente apresentando pouca pelagem.

O fato da convivência de espécies diversas de hominíneos e da extinção deles intriga muitas cientistas, pois há 2 milhões de anos atrás, e em períodos muito longos, coexistiram algumas espécies de hominíneos, inclusive com diversas variações da mesma espécie em regiões geográficas distantes. A ideia é que essas espécies todas, de uma forma ou de outra, até por conta das suas características similares podem ter miscigenado genes, até mesmo induzindo uma evolução multirregional.

2.3. A Evolução das Espécies Hominíneas

A evolução hominínea também pode ser vista como um processo de evolução radiada, diferente da tradicional linha evolutiva ascendente, tão difundida em livros do passado. O que temos agora em termos de evolução está mais para a ilustração de um grande arbusto que se irradia em diversas direções, e não apenas em uma linha (FOLEY, 2003).

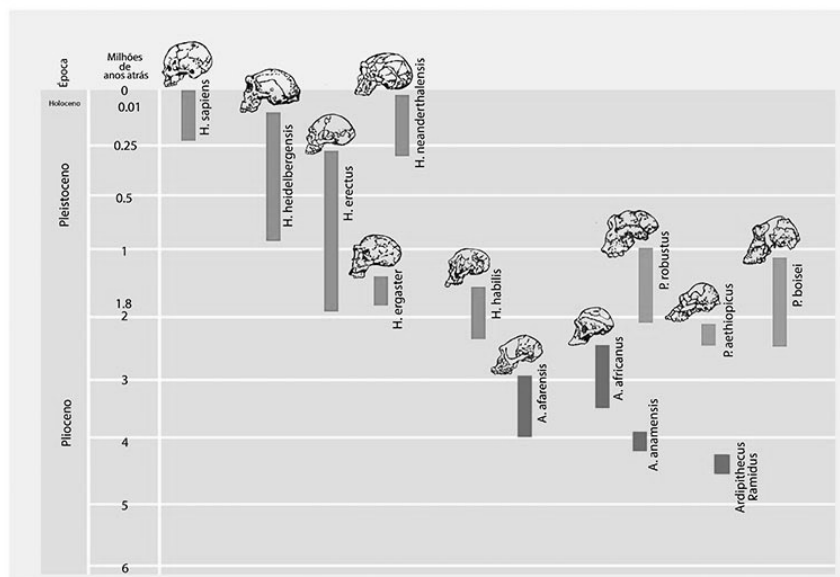


Figura 4: A Evolução Hominínea Radiada. Fonte: Autor.

O fato da evolução acontecer em diversas direções reacende a questão do famoso “elo perdido” que tantos procuram. Se temos uma evolução radiada, ou seja, em diversas direções que se cruzam em momentos diferentes, talvez não tenhamos exatamente um “elo perdido”, mas muitos “elos perdidos”, dependendo de quando, onde e quem.

Assim, tendo o *Homo sapiens* como o homem moderno, com a sua estrutura anatômica e comportamento amplamente conhecidos, surgido há mais ou menos 200 mil anos, podemos dizer que a distância cronológica dele em relação ao primeiro *Ardipithecus ramidus*, está preenchida com uma multidão de populações de hominíneos (GOULD, 1992), ou seja, primatas como nós, mas não macacos, e atualmente extintos.

Essas variedades todas de espécies hominíneas foram impulsionadas pela seleção natural (mas com profunda participação da consciência), que atuou como um modificador de curto prazo em espécies existentes, promovendo a evolução de longo prazo de outras em consonância com a variação do meio-ambiente e dos recursos que este ambiente oferecia aos seus ocupantes no período. A extinção de outras espécies aconteceu pelos mesmos motivos.

3. A SERIALIDADE EXISTENCIAL NO PROCESSO EVOLUTIVO

Quando falamos em origem extrafísica da consciência e a sua serialidade existencial estamos falando do Paradigma da Consciência (VIEIRA, 1994). Esse paradigma expande a realidade para além da dimensão intrafísica, e se baseia em proposições acerca da bioenergia, da multidimensionalidade, da imortalidade da consciência, da sua existência em múltiplas dimensões, da serialidade existencial da consciência por sucessivas vidas e do holossoma, que trata da existência de diferentes corpos usados como veículos de manifestação da consciência em diferentes dimensões.

O soma permite possibilidades de manifestação à consciência na dimensão em que atua, a intrafísica, e esse veículo intrafísico está sujeito às leis das dimensões da física, como o tempo, espaço e desgaste próprios da intrafiscalidade. Por isso também acaba por submeter a consciência

aos mesmos preceitos da fisicalidade durante o período da existência intrafísica (ou de manifestação intrafísica).

O conceito de consciência não pode ser tido apenas como um atributo desenvolvido na espécie humana pelo qual o homem se relaciona com o mundo dentro de uma perspectiva do que é certo ou errado, como um julgamento do intelecto, mas sim como sendo a pessoa, o sujeito, quem verdadeiramente interage e pensa sobre os processos e vive a multidimensionalidade (VIEIRA, 1990), tanto na intrafisicalidade quanto na extrafisicalidade.

A consciência é aquilo o que se denomina por ego, alma, espírito, essência, eu, individualidade, personalidade, pessoa, self, ser ou sujeito (VIEIRA, 1990). Entendemos ser a consciência algo sem forma corpórea (extrafísica), inteligente e sensível, mas que vive momentos alternados de intrafisicalidade e extrafisicalidade ao longo da sua existência.

Podemos imaginar a população humana ao modo de uma coleção de “equipamentos orgânicos” diferentes uns dos outros e trazendo em suas configurações genéticas uma série de características morfológicas, habilidades individuais e predisposições genéticas próprias e determinadas por n variáveis, controláveis e não controláveis.

Assim temos uma população em igual quantidade de consciências ressomadas na condição de ocupantes desses organismos, utilizando ou não as habilidades predispostas e à disposição em cada um desses “equipamentos orgânicos”.

Vamos entender que a existência de um organismo qualquer pressupõe a presença de uma consciência ocupando aquele organismo por mais simples ou complexo que este seja. A presença de uma consciência no organismo significa que ela é quem efetivamente se manifesta através dele (VIEIRA, 1990) conforme as possibilidades disponíveis.

É dentro desse cenário de diversidade biológica e de contexto evolutivo que as consciências estiveram (e ainda estão) presentes e atuantes durante todo o processo evolutivo, e participando da seleção das espécies.

Após o período de vivência intrafísica em um organismo adaptado ao meio, descartamos o soma utilizado e retornamos à nossa outra realidade, tendo sempre a opção de retornar para esta ocupando, então, um novo soma em um novo momento temporal à frente. Esse processo de serialidade existencial é cíclico, pois se refere a uma existência intrafísica temporária que se repete de tempos em tempos, por motivos particulares e próprios de cada consciência ou de grupos de consciências (VIEIRA, 2010 e XAVIER & VIEIRA, 2002).

Essa serialidade pode participar do processo evolutivo, produzindo não apenas benefícios conscienciais individuais e grupais, mas também biológicos para as formas orgânicas presentes na dimensão intrafísica. A consciência pode assistir a evolução da matéria, mesmo que despropositada.

4 A EVOLUÇÃO ASSISTIDA DA MATÉRIA

4.1. As Decisões da Consciência na Evolução Hominínea

As decisões tomadas pelas consciências que habitaram os organismos do passado, ajudaram a aperfeiçoar, de forma lenta e cumulativa os benefícios evolutivos biológicos presentes nos organismos que dispomos para as nossas manifestações de hoje. A consciência não apenas evoluiu, mas ajudou na evolução da matéria.

O veículo consciencial mais denso conhecido como soma é resultado de um processo evolucionário que, lentamente, através de contínuos processos seletivos, proporcionou a sobrevivência das espécies das intempéries do tempo e do meio-ambiente pela qualidade da sua adaptação ao meio.

Mas esse movimento adaptativo contínuo do soma recebeu contribuições diretas da consciência e de maneira propositada através das decisões tomadas por elas, quando ocupavam os somas buscando sobreviver ou reduzir o esforço promovendo maior conforto e qualidade de vida daquelas espécies que nos antecederam.

Essa é a *chave* da interrelação do trinômio soma-consciência-evolução, pois o soma, tal como ele é, e por si só, não evolui, pois não interage, não busca, não se move. A consciência, uma vez hóspede do soma, depende dele para manter sua condição intrafísica e sobreviver na intrafisicalidade.

A vontade única de sobrevivência das consciências num determinado meio as fizeram tomar decisões em busca da sua permanência no intrafísico e no seu conforto, e essas decisões atuaram diretamente como facilitadores da transmissão de genes que de alguma forma se mostravam adaptados ao meio.

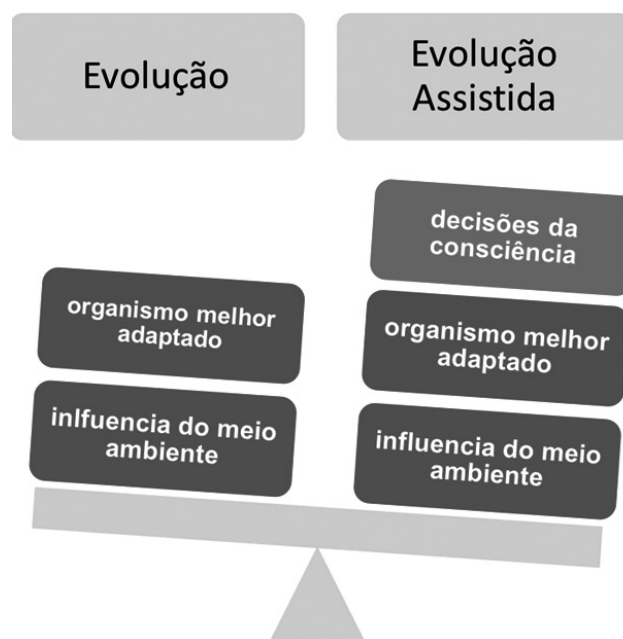


Figura 5: A influência das decisões da consciência na evolução **Fonte:** Autor.

Essa interação consciência-soma não apenas mantém a consciência na intrafisicalidade, mas também submete a consciência à intrafisicalidade. Ela buscará sobreviver acima de tudo, e isso acontecerá por meio da obtenção de recursos e por meio da sua proteção contra o ambiente ou predadores à sua volta.

O organismo da espécie *Homo*, tal como as outras espécies, também é resultante de uma seleção natural promovida através de uma combinação de diversos e diferentes fatores, tais como meio-ambiente, recursos naturais disponíveis e características morfológicas. Mas também temos um elemento não físico que participou o tempo todo, as *decisões* que foram tomadas pelas consciências que viveram na condição de espécies hominíneas no passado e em função dessa interação atuaram no processo de sobrevivência e facilitando a transmissão genética.

Por exemplo, mover um grupo de hominíneos de um território para outro em busca de novos recursos como água e alimentação através de um deserto árido foi uma decisão difícil para muitos deles no passado. Decisões como essa tiveram de ser tomadas em muitos momentos. Decisões como essa também exigiram das espécies que estivessem adaptadas às condições impostas pelos desafios para sobreviver às dificuldades do momento.

Nesse caso específico da travessia de um deserto podemos citar a importância de ser bípede (bipedalismo), de se resfriar (capacidade sudorífera), da resistência ao calor, da capacidade de carregar recursos (mãos livres) como algumas das características morfológicas adaptadas ao meio para esse tipo de desafio. Nem todos os animais conseguem sobreviver um desafio dessa magnitude por conta da sua morfologia. É estratégico que existam recursos apropriados para sustentar uma decisão difícil, e o soma que possuímos é um deles.

Muitas das espécies hominíneas do passado não possuíam recursos somáticos suficientemente adaptados para muitos dos problemas que tiveram de enfrentar, e por isso se extinguíram (assim como 99% das outras espécies). Combinações como genética, morfologia, meio-ambiente ou disponibilidade de recursos nem sempre foram adequados para garantir a sobrevivência de determinadas espécies.

No passado, sempre que o meio ambiente alterava (por quaisquer que fossem os motivos) eram poucas as alternativas para as espécies. Migração, adaptação ou extinção eram as únicas opções do passado. Migração e extinção ocorriam com mais frequência do que imaginamos, e a adaptação era uma questão que ocorria ao longo de gerações, e dentro de um processo seletivo muitas vezes orientado por decisões tomadas.

4.2. As Decisões e o Círculo da Evolução

O processo evolucionário de uma espécie complexa, sob a visão puramente biológica, orgânica, não se explica sem a participação de um consciência tomando decisões e interagindo com o meio. A mais simples escolha do que comer, não deixa de ser uma escolha, tanto que não podemos comer qualquer coisa. De fato, nosso organismo não processa quase nada que a natureza nos oferece.

Esse mesmo tipo de decisão que tomamos para comer ou tomar atitudes drásticas procurando a sobrevivência, também patrocinou a evolução de organismos mais simples para organismos mais complexos. E quanto mais complexos são os organismos, maior também será a sua capacidade de manifestação consciencial, ampliando ainda mais o espectro da tomada de decisões.

Essa combinação de decisões constantes e contínuas dentro de um processo de seleção natural acaba por conduzir o surgimento de organismos com mais complexidade e de forma cumulativa, gerando então novos equipamentos orgânicos com ainda mais qualidade de manifestação consciencial. Estamos falando da evolução da matéria assistida pela consciência, mesmo ocorrida de modo involuntário.

É certo que não houveram preocupações das consciências de então em buscar o aprimoramento genético para gerações futuras, longe disso. O que houve foi a busca pela estabilidade, pelo conforto, pelo prazer e pela sobrevivência, ora pelo grupo, ora pelo indivíduo.

Esse processo funciona como se fosse um círculo virtuoso, onde a consciência usa o soma de modo a aproveitar melhor a qualidade da genética estabelecida, e assim garante (involuntariamente) que essa qualidade se transmita para gerações à frente por meio da sobrevivência, sempre fruto de decisões tomadas.

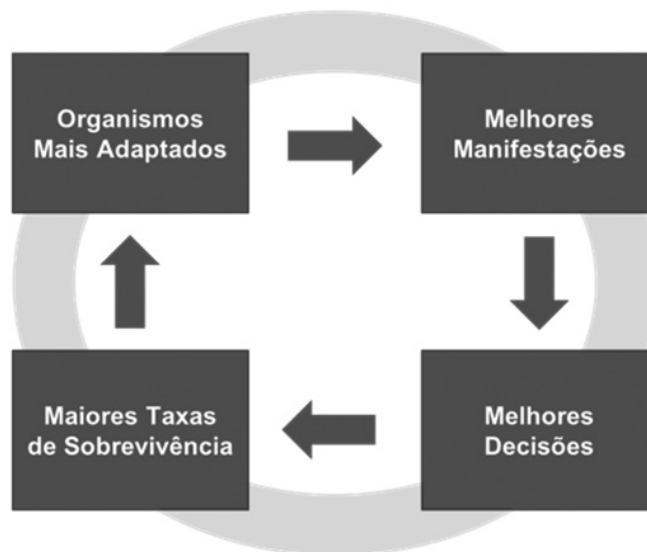


Figura 6: Um Círculo Virtuoso de Evolução da Complexidade. **Fonte:** Autor.

Importante observar também que muitos grupos do passado nem sempre se extinguíram apenas por decisões erradas, mas a exaustão de recursos de uma região isolada ou mesmo uma mudança abrupta do meio-ambiente (DIAMOND, 2012) podem ser determinantes nesse sentido dependendo do momento. Por exemplo, se considerarmos fenômenos não esperados da natureza como um tsunami, um incêndio de grandes proporções, ou mesmo um grande meteoro atingindo a terra, podemos entender que incidentes como esses podem criar condições de extinção para muitas espécies.

De fato, pequenas mudanças de ordem genética, e outras de ordem intelectual e cultural, ambas influenciadas e resultantes de “tomadas de decisão”, quando acumuladas por longos períodos recidivos provocam diferenças importantes e significativas nas espécies promovendo uma especiação vencedora.

Cabe como reflexão que a tomada de decisão em busca da sobrevivência não apenas ajudou a promover o aperfeiçoamento genético da espécie (quando bem sucedido) mas também ajudou a maturar a evolução das consciências no passado, como ainda ocorre no presente. Tomar decisões duras em momentos difíceis sempre foi um passo importante para que a consciência internalizasse suas responsabilidades diante de grandes dificuldades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do quadro que discutimos, entendemos que precisamos tratar o processo evolucionário como algo mais complexo do que a simples evolução isolada do soma, ou a evolução da consciência. Se a consciência participa da intrafísica utilizando os recursos (a matéria) de então, e ainda assim os assiste, é certo que existe um processo coevolutivo em andamento, de maneira paralela e simbiótica.

A evolução da consciência, embora não detalhado nesse artigo uma vez que existe vasta literatura sobre o assunto, acontece de muitas formas e também diante de dificuldades trazidas pelo intrafísico e o restringimento natural que essa situação impõe a todos (MEDEIROS, 1995, XAVIER e VIEIRA, 2002).

É mister entender que a evolução de uma espécie, nesse caso a hominínea, não precisou ocorrer em saltos gigantes ou ter tido a necessidade de uma intervenção específica e brusca na condição genética de então. Pensar que uma ação assim seria necessária é não compreender o processo evolucionário da matéria e desconsiderar a relação dela com a consciência durante o processo.

Encerramos esse artigo trazendo uma visão combinada entre consciência e matéria promovendo um processo evolucionário para ambos. Assim, diante de uma proposta reaprendente, estamos revisando teorias evolutivas adicionando ao processo da evolução (pela seleção natural) componentes do paradigma consciencial que seriam regidos pela ação direta da consciência através da sua melhor manifestação. Também estamos considerando a importância da qualidade da tomada de decisões contínua ao longo do tempo agindo ao modo de um efetivo mecanismo da evolução combinada de matéria e consciência.

Essas considerações resultantes desse trabalho podem proporcionar uma revisão propositiva das teorias citadas dentro de uma abordagem multidimensional. Essa nova visão pode contribuir para o avanço do entendimento de como processos matéria-consciência se interrelacionam de forma simbiótica e evolutiva ao longo do tempo e espaço.

REFERÊNCIAS

01. ASTRAUSKAS, Jefferson P. e outros. As Leis da Herança por Gregor Johann Mendel, uma Revolução Genética. Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária, São Paulo, a. VII, n. 13, jul. 2009.
02. DALGALARRONDO, Paulo. Evolução do Cérebro. Porto Alegre, 2011.
03. DARWIN, Charles. A Origem das Espécies e a Seleção Natural. Curitiba: Hemus, 2000.
04. DAWKINS, Richard. A Escalada do Monte Improvável. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
05. DAWKINS, Richard. Evolução. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
06. DIAMOND, Jared. O Terceiro Chimpanzé. Rio de Janeiro, 2012.
07. FOLEY, Robert. Apenas Mais Uma Espécie. São Paulo: EdUSP, 1993.
08. FOLEY, Robert. Os Humanos Antes da Humanidade. São Paulo: UNESP, 2003.
09. FORATTINI, Oswaldo P.. O Ser e Ser Humano. São Paulo: EDUSP, 2000.
10. GOULD, Stephen Jay. Darwin e os Grandes Enigmas da Vida. São Paulo: Martin Fontes, 1992.
11. LEAKEY, Richard. A Origem da Espécie Humana. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
12. MEDEIROS JR, Geraldo. A Consciência Encarnada e o Corpo Humano. São Paulo: Icone, 1995.
13. VIEIRA, Waldo. Nossa Evolução. Foz do Iguaçu: Editares, 2010.
14. VIEIRA, Waldo. O Que é a Conscienciologia. Rio de Janeiro: Instituto Internacional de Projeciologia, 1994.
15. VIEIRA, Waldo. Projeciologia. Edição do Autor, 1986.
16. XAVIER, Francisco e VIEIRA, Waldo. Evolução em Dois Mundos. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

Prod. Dr. Malcon Anderson Tafner, formado em bacharelado em Ciências da Computação, Mestre e Doutor em Engenharia de Produção (Área de Inteligência Aplicada), tem atuado como professor universitário desde 1996 e como voluntário da Conscienciologia desde 1992 e da IC Reaprendentia (voluntário, docente e corpo diretivo) desde 2012. E-mail: malcon.tafner@reaprendentia.org.